


**um**



o coração ruge como um leão  
diante do que nos fizeram.

## **pois eles tinham coisas para dizer**

os canários estavam lá, e o limoeiro  
e a mulher velha com verrugas;  
e eu estava lá, uma criança  
e eu tocava as teclas do piano  
enquanto eles conversavam –  
mas não tão alto  
pois tinham coisas para dizer  
todos os três;  
e eu os espiava a cobrirem os canários à noite  
com sacos:  
“assim eles conseguem dormir, querido.”

eu toquei o piano bem baixo  
uma nota por vez,  
os canários sob seus sacos,  
e havia pimenteiras,  
pimenteiras roçando o telhado feito chuva  
e pendendo de fora da janela  
como chuva verde,  
e eles conversavam, os três  
sentados em um semicírculo na noite quente,  
e as teclas eram pretas e brancas  
e respondiam a meus dedos  
como a magia secreta  
de um mundo adulto à espera;  
e agora eles se foram, todos os três  
e eu estou velho:  
pés de piratas pisotearam  
os assoalhos bem varridos  
da minha alma,  
e os canários não cantam mais.

## aula noturna, 20 anos depois

a pressão famélica de ser tarde demais;  
teias de agulhas,  
as mesmas árvores estão aqui;  
e grama crescida sobre a grama  
mas os rostos agora são jovens  
e enquanto você caminha pelo campus pensando  
“memória é uma pobre desculpa para o presente”  
as pernas querem deixar que o corpo caia enquanto  
velhas imagens grudam em você como moluscos  
e as garotas que agora se foram e que antes  
pediam por sua substância  
agora pendem como cortinas rasgadas  
pelas janelas da sua mente;

– houve um tempo aqui  
em que tudo era meu –

agora jovens leões reivindicam o território  
e olham distraidamente  
suas patas frouxas  
e resolvem  
misericordiosamente  
deixar essa pobre presa passar. ele, é claro,  
não é páreo para as jovens leoas,  
ou a primavera no céu matinal.

uma vez aqui –  
uma vez –

eu entro na sala e fico em pé contra a parede  
e ouço meu nome ser lido, e  
não, não é a mesma coisa:  
meu velho professor parecia um leão-marinho  
quando escarrava meu nome

na escarradeira do mundo  
e eu dizia PRESENTE! enquanto  
sentia o sol a escorrer  
pelos cabelos da minha cabeça  
como fios alimentando vida com vida:  
chuva branca, mar bravo;

mas esse novo sussurra meu nome (e está escuro);  
e como uma garra pegando algo profundo em mim,  
rodeado por paredes como túmulos eu respondo de modo  
dócil:

presente,  
e ele passa para outro nome.  
sou mais velho que ele  
e certamente não tão afortunado  
enquanto as leas se enrodilham a seus pés e ronronam  
prazerosamente,  
e um velho gato cinza  
vira o pescoço  
e me pergunta: você já esteve aqui antes?

sim, sim, sim, sim  
eu já  
estive aqui  
antes.

## a neve da Itália

do meu rádio agora  
vem o som de um órgão louco de verdade,  
eu posso ver algum monge  
bêbado em uma adega  
a mente perdida ou encontrada  
falando com Deus de um modo diferente;  
eu vejo velas e esse homem tem uma barba vermelha  
assim como Deus tem uma barba vermelha;  
está nevando, é na Itália, faz frio  
e o pão é duro  
e não há manteiga,  
apenas vinho  
vinho em garrafas rubras  
com gargalos de girafa,  
e agora o órgão sobe, outra vez,  
ele o viola,  
ele o toca como um louco,  
há sangue e cuspe em sua barba,  
ele quer rir mas não há tempo,  
o sol se põe,  
então seus dedos esmorecem,  
agora há exaustão e o sonho,  
sim, até santidade,  
homem indo ao homem,  
à montanha, ao elefante, à estrela,  
e uma vela cai  
mas continua a queimar de lado,  
uma poça de cera brilhando nos olhos  
do meu monge vermelho,  
há musgo nas paredes  
e a mancha de pensamento e fracasso e  
espera,  
então novamente a música sobe como tigres famélicos,  
e ele ri,

é um riso de criança, um riso de idiota,  
riso por nada,  
o único riso que compreende,  
ele preme as teclas  
igual a parar tudo  
e o quarto floresce de loucura,  
e então ele para, para,  
e senta, as velas queimando,  
uma em pé, outra caída,  
a neve da Itália é tudo o que resta,  
acabou: a essência e a forma.  
eu observo enquanto  
ele apaga as velas com seus dedos  
comprimindo o canto externo de cada olho  
e o quarto está escuro  
como tudo sempre esteve.